



09 *Abecedário do Janela indiscreta*¹

(Rear window abc)

*Adriana Fresquet*²

1. Este é o texto que foi lido na mesa de encerramento do Evento JANELA INDISCRETA pela comemoração dos seus 30 ANOS.

2. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordena o Grupo CINEAD: Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual, que realiza atividades de pesquisa, ensino e extensão em parceria com a Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, escolas públicas municipais, estaduais e federais (de educação inicial ao ensino médio) e as alas pediátrica e geriátrica do Hospital Universitário. É uma das fundadoras da Rede KINO: Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual e participou da elaboração da Proposta de regulamentação da lei de cinema na escola (13006/14). Seu último pós-doutorado foi em 2019/2020, no DIE-CINVESTAV, México, com a supervisão de Inés Dussel. Em 2023, participou do Fórum Tiradentes que elaborou diretrizes para a retomada audiovisual coordenando o grupo de trabalho de Formação, analisando e problematizando a lei que institui a Política Nacional de Educação Digital (14533/23). Email: adriana-fresquet@fe.ufrj.br - cinead.org. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4223-8204>



ADRIANA FRESQUET

Resumo – Este abecedário é um ensaio de exaltação dos princípios teórico-metodológicos do trabalho do Programa Janela Indiscreta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. A cada verbete surgem conceitos, memórias e questões travestidas de agradecimento e afeto sem fim às colegas e amigas Milene Gusmão, Rosália Duarte e Inês Teixeira. Assim, para celebrar os 30 anos deste Programa, proponho este breve abecedário.

Palavras Chave: Abecedário; Programa Janela Indiscreta; Memória.

Abstract – This alphabet book is an essay extolling the theoretical-methodological principles of the work of the Rear Window Program at the State University of Southwest Bahia. With each entry, concepts, memories and questions emerge disguised as thanks and endless affection for colleagues and friends Milene Gusmão, Rosália Duarte and Inês Teixeira. Therefore, to celebrate the 30th anniversary of this Program, I propose this brief alphabet book.

Keywords: ABC; Rear Window Program; Memory.

Primeiro que nada, quero agradecer à Milene, por me fazer parte desta história. À Rosália, por me apresentar à Milene, ainda nos primeiros anos da minha vida na UFRJ, e à Inês Teixeira, por amalgamar estes encontros com um formato que foi além de nós mesmas, virando uma rede de afetos e efeitos que hoje caminha com as suas próprias pernas e vai muito além de nós.

Pensei em muitas formas de falar, especialmente inspirada nas falas espontâneas, singelas e profundas da segunda-feira. Quanta verdade e leveza feita discurso, que não entediou ninguém, aliás nos deixou com vontade de “quero mais”... Na volta para casa, Rosália e eu dizíamos isto para Mila. Longe de cansar, ficamos querendo saber detalhes dessas memórias que somente cada um e uma de vocês pode nos contar.

E para organizar um pouco a fala, sem mudar muito a maneira de fazer as coisas, pensei em dar os parabéns para o *Janela Indiscreta* pelos seus 30 anos, em formato de breve, brevíssimo abecedário.

A. Eita letra infinita! **amizade**, agradecimento, abraço, aula. Quero destacar justamente a dimensão das amizades que gerou um projeto inicialmente extensionista, que abraçou a pesqui-

sa e o ensino progressivamente até consolidar o curso e o programa de hoje. Uma amizade que dá base às ações e tarefas, mas que transborda pelas margens pelos estados, país afora.

B. Braços: que trabalham, que articulam, que abraçam corpos e causas para levar o cinema onde ele é mais necessário, onde a água escasseia, a comida falta... O compromisso social sela como característica principal os esforços para dar acesso a diversas comunidades ao cinema, desde os povos mais afastados que o cinema itinerante alcançava até hoje aos estudantes que se preparando para entrar na universidade encontram um atalho para acessar o feitiço das imagens do cinema, do qual muitos dificilmente conseguirão se livrar...e ficarão certamente enredados, por aqui, enredando outros... com poções de imagens e sons à deriva, nas fabulações do real.

C. Cinema, cineclubismos, cinema itinerante. O que dizer do cinema, como essa arte do tempo que sempre nos escapa. Podemos apreciá-la, estudá-la, analisar suas obras e sempre tem algo que foge a qualquer reflexão, estudo, hipótese. Me ocorre que o cinema seja talvez a mais



pedagógica das artes porque nos ensina exatamente isso que qualquer educador sabe intuitivamente: a importância de estudar muito, de nos preparar com rigor porque sabemos que na hora do encontro, da aula, o real emerge ou insurge com toda imprevisibilidade, força e determinação vital, quebrando rotinas de espaço e tempo, programações e lógicas. Como se a vida mesma se adentrasse nele e, ao se constituir como âni- ma, o desprendesse de qualquer dependência de criadores, espectadores, pesquisadores... Como essas crianças arteiras que saem correndo na frente e sempre é divertido e difícil alcançar... e que com 3, 30 ou 90 anos, nos tiram do lugar, nos colocam em movimento rumo a algum lugar que não sabemos exatamente qual é, mas para lá vamos, com outros, às vezes, sem saber...

D. Desaprender. Desaprendemos ao lembrar do modo como aprendemos determinadas coisas. Desaprendemos cada vez que a tela nos devolve imagens dos nossos próprios preconceitos, nossas limitações e incompletudes. Por isso penso que o Janela tem traçado um caminho de desaprendizagens cultivando sempre a memória e dedicando pesquisa, ensino e extensão ao seu

cultivo sem esquecer nunca da imaginação para reaprender e gestar o porvir.

E. Encontro; equipe. Algo que fica evidente para qualquer pessoa que conhece o projeto é a força da equipe e do seu encontro interno, íntimo, solidário. Somente de uma equipe, que não é exatamente um conjunto de pessoas, pode surgir uma diversidade de projetos como o cinema itinerante, a mostra, a mostrinha, o curso, o programa...

F. Futuro: ontem aprendíamos com o filme chileno a *Nostalgia da luz* que não existe presente, praticamente, ele apenas uma breve projeção do passado que nos ilude com pretensões de porvir. A *Janela balzaquiana*, como uma mulher emocionalmente amadurecida, pode viver o amor com maior plenitude - em completa oposição à tradicional e predominante figura das moças românticas que, nos livros de sua época, tinham não mais do que 20 e poucos anos. Seu futuro não pode ser outro que o de uma grande paixão pelas cosmotécnicas, pelas produções audiovisuais de forte cosmogonia local, aderindo aos valores, crenças e conhecimentos desta cidade, como



3. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/indiscreta/>.
Acessado em: nov. 2022.

gesto de resistência ao aceleracionismo teleológico e a hegemonia da tecnologia universal moderna. O futuro precisa ser fragmentado, multiplicado pela tecnodiversidade, visando adiar o fim do mundo previsto pela episteme da pré-modernidade-modernidade-pós-modernidade-apocalipse.

G. Glauber Rocha, embaixador do cinema brasileiro no mundo inteiro, nos recebe com seu nome no aeroporto e empresta ao **Janela**, seu gesto indiferente ao sucesso comercial e o profundo comprometimento com o seu povo. Uma de suas frases mais célebres é: “nossa maior miséria é que esta fome, sendo sentida, não é compreendida”. Isso pareceu virar um lema para todos os projetos do **Janela**.

H. Hitchcock dá ao *Janela* o filme de batizado. Mas também sua sagacidade e sua grandeza. A capacidade de se reinventar e de driblar as dificuldades. Ao contrário, tudo indica que são as dificuldades que fazem deles uma pessoa e um projeto cada vez mais criativos que inventam soluções admiráveis diante os infundáveis problemas de produção, institucionais, etc. *Janela*

indiscreta é o filme que antecipa o jogo didi-huberiano de pensar imagens que vemos e que nos olham, que torna literal o conceito de ocultar e revelar da janela-enquadramento de Bazin. A ele também a nossa modesta homenagem.

I. Indiscreta³: Indiscreta é o feminino de indiscreto. Do latim *indiscretus.a.um-*, «que não se distingue» 1. Não discreto. · 2. Imprudente. · 3. Curioso. · 4. Falador, mexeriqueiro. nome masculino · 5. Aquele que não tem discrição. O que é o cinema se não aquele indiscreto que não se acomoda fácil ao ordem estabelecido, curioso, que precisa sempre de uma dose de imprudência para atuar como germen de uma certa anarquia, de uma possibilidade de fuga ou caos diante o que está dado. Esse é o cinema que o **Janela** exhibe, estuda, compartilha. Com o qual educa.

J. Janela: Segundo Bazin, na pintura “a moldura polariza o espaço para dentro, tudo o que a tela de cinema nos mostra, ao contrário, supostamente se prolonga indefinidamente no universo” (BAZIN, 2014, p. 207). Portanto, de acordo com essa perspectiva, a moldura pictórica é centrípeta¹, já a tela cinematográfica, centrífuga.



Podemos dizer que na própria estrutura do enquadramento está a condição da concentração da atenção, da ativação da memória para cada detalhe que é descoberto a cada vez que vemos novamente o enquadramento e da imaginação para tudo o que está fora do quadro no espaço e no tempo. Hoje ainda diríamos que nessa tela escura ainda se gera o reflexo de um Metaverso que muito ainda precisamos conhecer e desmascarar.

K. Kiarostámico remete para mim a um tempo outro, quase a uma desaceleração do tempo que permite ver, rever e transver cada imagem durante o filme. A duração dos planos, como queria Manoel de Barros, permite este jogo pautado no poema que afirma que *o olho vê, a memória, revê, a imaginação trans-vê, que é preciso transver o mundo*. Para poder imaginar e fabular com o real é preciso guiar a atenção e cultivar a memória como faz o **Janela Indiscreta** há 30 anos, percorrendo longos caminhos sinuosos em planos abetos...

L. Leveza, no dia da abertura do evento pelos 30 anos do **Projeto Janela Indiscreta**, a para-

doxal leveza e intensidade de cada depoimento, sem leitura de apoio, desvendou os mais profundos sentimentos nas diversas formas de pertencimento ao projeto. Leveza que nos deixou com vontade de ouvir mais histórias, de saber mais sobre casos e coisas que aconteceram nas viagens, nas amostrinhas, nos cruzamentos das vidas e das mortes que fazem parte desta memória. Mas esta letra nunca poderia deixar de fora um mantra de nosso tempo, que levemente alterado, celebra também a vida depois de 4 anos de ódio, morte e barbárie: **LULA JÁ!**

M. M é a letra da **Milene**, mas também de mulher, de mostra, de mostrinha, de mundo que sorri e gira melhor também pela sua causa, amiga. Um mundo próximo que lhe agradece por tanto esforço e delicadeza na sua gestão, em todas elas. Um mundo mais distante, como o meu o de Rô, o da Inês... que lhe agradecem pela sua amizade, mas pela inspiração, por fazer de cada atividade uma aposta social, um compromisso com a cidade, com cada estudante e com toda a comunidade.



N. Nordeste: o **Janela Indiscreta** e a maioria de vocês que estão nesta sala têm o enorme orgulho de serem nordestinos. Nordeste significava para mim beleza em caixa alta, praia de águas transparentes e mornas (meu sonho era conhecer o mar, que conheci aos 16 anos, no frio oceano Pacífico, onde permaneci tantas horas até ser internada por hipotermia)... mas hoje NORDESTE para mim significa SALVAÇÃO, não dessa messiânica, mas aquela salvação que se dá pela união, que só a crença de um povo arretado e trabalhador consegue quando sonha o mesmo sonho... mais um obrigada a todo o povo nordestino, saúde! Ou melhor AMOR, ORDEM E PROGRESSO... como deveria dizer a bandeira brasileira...

O. Olhar, talvez pensando em não me repetir sobre todas as coisas que se falam sobre o olhar me ocorre trazer para este órgão, a percepção háptica da que fala Virgínia Kastrup. Ela nos lembra que o tato é capaz de perceber de modo cognitivo, por exemplo quando buscamos uma chave em uma bolsa apalpando e procurando seu formato no meio de outros objetos sem olhar. Mas a percepção háptica se intensifica quando apalpamos algum objeto ou algo percebendo sua textura, sua temperatura,

nuances, relevos... abrindo a nossa percepção ao que não conhecemos ou não tínhamos percebido nunca antes. Uma percepção que abandona o entulho representacional do que já sabemos e de nossos próprios juízos para se entregar a uma nova experiência de toque. Pois assim também é possível olhar... ouvir... todos nossos sentidos podem ser tocados quando fazemos o esforço de colocar em segundo plano esse gesto cognitivo de perceber e pensar, que nos fecha ao novo, ao desconhecido, ao mistério mesmo de viver.

P. Paixão, mas vou falar brevemente de Paulinho. Paulinho não está aqui, mas ele é o companheiro de Mila, sua base, seu alter-ego. Talvez Paulinho seja como um satélite do **Janela**, que sem saber, devolve ou reflete nela algo da sua luz, cuida, acompanha, apoia, a cada dia. Valeu, Paulinho! Obrigada por tudo. Sua paixão, hospitalidade e a da Mila é um cafuné feito casa com forma de abraço.

Q. Quela, Raísa, Rogério, Euclides, Glauber, Amanda, Macelle Khouri e tantos outros e outras que não conheço... as pessoas do **Janela**. Ou as janelinhas, como alguém disse com toda naturalidade na abertura. De fato, elas são o **Janela**. Ou



4. SANTOS, Gersiney e SANTOS, Daiane Silva. Epistemologias de reexistência: um diálogo teórico-metodológico entre interseccionalidade e aquilombagem crítica. *Revista Brasileira de Educação* v. 27 e270028 2022.

melhor, elas são A JANELA por onde se vê o mundo e por onde sair para o mundo para abrir outras janelas no lugar onde cada um chegar. Para eles e elas: parabéns! Os 30 anos do **JANELA INDISCRETA** devem sua existência e esta celebração a cada um e uma de vocês...

R. Antecipando justamente à Letra R. pelo que nos traz de resistência por chegar até aqui, mas também de re-existência, no sentido da reflexão acerca de possibilidades epistemológicas geradas pela aproximação da interseccionalidade com teorias e metodologias relacionadas à transformação social. Para tanto, é necessário focalizar na ancestralidade afro-brasileira como meio para o repensar de novos contornos para a geração e o compartilhamento de conhecimentos. Isso significa alguns movimentos teórico-metodológicos que podemos denominar como “epistemologias de reexistência” — a fim de relacioná-los com o que pode ser chamado “aquilombagem crítica”. A intenção central do **Janela** parece querer ampliar cada vez mais as abordagens teórico-metodológicas e contribuir para o debate voltado a formas efetivas de aproximação entre educação formal e conhecimento experiencial no Brasil, que favoreça ações e pesquisas de (re)con-

xão multidimensional para intervenções atentas ao diálogo plural entre realidades. (Santos e Santos, 2022)⁴

S. Sol-idariedade. Vou usar do artifício do hífen como licença poética para falar algo da luz e do calor que sinto no próprio corpo a cada vez que estou aqui ou que encontro com o pessoal do **Janela** em diferentes eventos. Mas também, para destacar a solidariedade como marca do grupo, de equipe.

T. Tempo, transformação... penso estes conceitos fundamentalmente como filha de um agricultor e uma professora alfabetizadora. A experiência do tempo para semear, regar, cuidar, podar, fazer a colheita é semelhante ao tempo do processo de alfabetização. É um desses tempos que a aceleração tecnológica não alcançou alterar, assim como o tempo da gravidez. Mas também, penso no sentido do tempo como clima e todas as incertezas que qualquer um que trabalha a terra sabe que existem desde o momento que semeia um cultivo qualquer. Tempos de chuva, de seca, de ventos, de geadas são decisivos para o desenvolvimento dos frutos. No **Janela**, esse jogo do tempo necessário para as coisas amadurecerem, aberto aos impre-



5. SEGATO, Rita. Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2021.

vistos e imponderáveis do tempo da vida está em cada testemunha que passou por aqui. Uma expectativa, atenta e cuidadosa, que antecipa e projeta caminhos e vidas.

U. Universidade tem a ver com ubiquidade. Pois é, o **Janela Indiscreta** é um projeto da Universidade. E depois de ver o filme *Nostalgia da Luz* de Patricio Guzmán, exibido na abertura do evento, pensei que o efeito da demora do tempo para a luz chegar das estrelas a outros corpos celestes como o nosso planeta, fundamenta com uma leve anacronia, como a universidade lança profissionais que vão alcançando outras universidades, outros espaços de trabalho profissional fazendo um certo efeito ubíquo de seu potencial. É preciso refletir sobre a importância das universidades na formação docente e profissional, seguindo critérios de diversidade e inclusão, e atendendo a necessidade de democratizá-las pelo seu papel fundamental na formação docente. A universidade, segundo Segato (2021)⁵, é o corredor que é preciso atravessar para acessar as posições em que se decide o destino dos recursos da nação. A universidade constitui uma espécie de viveiro da elite que administra o setor público e o setor privado. Toda e qualquer ameaça

em prol de democratizar a universidade com políticas inclusivas ameaça o próprio coração da colonialidade como padrão que garante a reprodução da ordem eurocêntrica e seu olhar racista sobre os corpos e os saberes.

V. Vida acadêmica. Penso que o **Janela** promove e convive diariamente com uma intensa vida acadêmica. Aulas, defesas, seminários, cursos, mostras, projetos de extensão imprimem literalmente vida à academia. Ou, em outras palavras, fazem da experiência acadêmica algo vivo, bem distante do academicismo estéril perpetrado em produtos que dormem intocados por anos em belas bibliotecas pouco visitadas. O ensino, a pesquisa e a extensão que atravessam ou são atravessados pelo **Janela** durante todos esses anos, parecem estar na biblioteca sim, mas fundamentalmente ao serviço da vida, aliás, eles mesmos são e geram vida.

W. Walter Benjamin diz que uma geração sonha a próxima e a acorda no ato de sonhá-la. Algo disso vemos aqui. Muitos sonhos já sonhados coletivamente se materializaram nesta Janela que hoje celebra os 30 anos, e já atravessou muito períodos difíceis. Por exemplo, nesses últimos anos, junto



com todo o movimento de precarização da universidade pública. Mas isso não impediu que continuássemos a sonhar, como os mineiros do Dr. Álvarez do filme de Patricio Guzmán, e da matéria desse sonho coletivo de olhos bem abertos, na consciência da ruína, nasce a utopia. Queremos seguir sonhando, uma e outra vez, pois a lei suprema do jogo, continua a ser a repetição, como bem sabem as crianças. **Janela Indiscreta**, de novo, de novo, de novo! Por mais 30, 60, 90 anos...

X. X em uma equação é o que não sabemos, o que precisamos descobrir, o que nos obriga a uma busca constante. Me ocorre que o **Janela**, como um x, nos mantêm em estado de alerta, de pesquisa permanente, de esforço para descobrir sempre algo que não sabemos... e nesse sentido dialoga com a próxima letra, porém, em espanhol!

Y. Y... em espanhol quer dizer “e”, falar “y...” quer dizer que já não temos mais nada para dizer, que não sabemos o que dizer, que estamos esperando algo, se cria um suspense, algo inesperado, sei lá o que, uma ideia, uma inspiração. Nesta y... eu só posso dizer y... GRACIAS, por me fazer parte desta história e desta celebração.

Z. Zoom in- zoom out, para finalizar, a difícil letra Z nos traz este gesto cognitivo fundamental de um pensamento flexível e articulado. A capacidade de nos aproximar e tomar distância do mundo, do que vemos, do que estudamos é um exercício próprio da janela da alma. Um gesto que precisamos ativar sempre para redimensionar nossas conquistas e fracassos, nossa relação com o conhecimento, com as pessoas e com os projetos de vida. Nos aproximar e nos afastar fazem parte do mesmo modo de apalpar o real tentando adivinhar o intuir tudo aquilo que não sabemos e que só poderemos desvendar se juntos e indiscretos, pela janela.

Vida longa ao Projeto Janela Indiscreta!

